

O “EU” E O “OUTRO”: A QUESTÃO DA ALTERIDADE NAS RELAÇÕES ESCOLARES

Bianca Sthephanny Martins Gomes¹

Cristiano de Jesus Ferronato²

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo contextualizar o tema da alteridade, investigando o quanto o “outro” tem influência sobre minha liberdade e o que sou, baseando-nos na afirmação de Sartre que diz “o outro detém um segredo: o segredo do que eu sou”. A pesquisa foi feita tendo como aporte metodológico entrevistas realizadas com professoras (es) de escolas rurais da Rede Básica do município de Propriá, em Sergipe na região do Baixo São Francisco. Para alcançar o objetivo proposto relacionamos a alteridade na identidade docente. O referencial teórico do trabalho está ancorado nos escritos de BEZERRA (2011; 2017), GALLO (2008), FURTADO (2011) e ORSO (2016), esses autores definem a alteridade como um todo e sua influência em sala de aula. A partir da pesquisa concluímos que o tema da alteridade ainda precisa ser amplamente explorado nas escolas e oportunidades necessitam ser criadas para que professores tomem consciência acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade. Alteridade. Afetividade.

ABSTRACT

This article had the purpose to contextualize otherness investigating on how the “other” exerts his influence over my freedom and of who I am, based on the affirmation by Sartre “*the other detains a secret: the secret of who I am*”. The research was done having interviews made with teachers of Sergipe’s rural area as the methodological contribution. The schools are located in the city of Propriá, the region of Baixo São Francisco in Sergipe. Otherness and teachers identity were related in order to achieve the purpose of this research. The theoretical reference is based on the writings of BEZERRA (2011, 2017), GALLO (2008), FURTADO (2011) and ORSO (2016), those authors define all the meanings of otherness and its influence in the classrooms. From this research forward, we conclude that otherness is still in need to be widely explored and shared throughout schools. Nevertheless, opportunities shall be made for teachers to become conscious regarding the theme.

KEYWORDS

Identity. Otherness. Affection.

1 INTRODUÇÃO

Entendemos que a identidade é um conceito mutável. Nesse sentido, o ser humano é uma totalidade que se realiza materialmente no tempo e no espaço, e, na mesma direção, é uma individualidade, uma parte dessa totalidade. Segundo Ciampa (1984) nossa identidade é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, mas ao mesmo tempo *una*. Por mais que apresentemos contradições no modo de ver, pois podemos mudar com o tempo, continuamos sendo o *eu* na sua essência: único, singular e reconhecido como tal. Nesse sentido temos que nossa identidade não é social, não podemos separá-la da sociedade, pois as diferentes formas de apresentá-las estão relacionadas com as diversas configurações do social.

Embora o sujeito seja uma totalidade, em cada situação da vida manifesta uma de suas partes, como se fosse um desdobramento das múltiplas configurações. Sua identidade manifesta-se de várias maneiras por meio de uma rede de representações que permeia todas as relações, na qual uma identidade reflete a outra. Ciampa (1984), afirma que antes de nascermos já temos uma representação no mundo. E nesse processo de formação da identidade são apresentados dois conceitos importantes: quem eu era há dez anos é completamente diferente de quem eu sou agora ou de quem serei amanhã. Somos uma mudança constante, agindo de maneira adequada ao ambiente que somos inseridos e expostos. Este caráter multidimensional e dinâmico da identidade dificulta a sua delimitação e a sua definição. É isto que lhe “confere sua complexidade, mas também o que lhe

dá sua flexibilidade. A identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações”.

Dito isto, entendemos que toda questão de definição identitária inicia-se antes mesmo de nascermos, ao descobrirmos o sexo, os pais submetem o ser humano em formação a estereótipos de gênero: se for menina irá vestir rosa e brincar de boneca; se for menino vai vestir azul, gostar de futebol. Ou seja, desde o momento da concepção a liberdade do indivíduo está condicionada à permissão e ao que os pais esperam dos filhos, acabando por formar parte de quem são, do que exibem para o mundo. E desde o momento da descoberta do sexo estamos condicionados a seguir certos padrões de vida relacionado ao sexo. À medida que crescemos e interagimos com diversas pessoas, agimos de acordo com suas expectativas, nos importamos com suas opiniões e adequamos nossas características e maneira de viver ao que esse grupo de pessoas, essa sociedade, espera de nós.

Conforme interagimos em sociedade certos padrões como de vestimentas, comportamento, relacionamentos etc., são criados, sendo posteriormente impostos a sociedade e novas gerações. Por exemplo, por volta de 1330, a Inglaterra entrava numa nova Era denominada pela historiografia de *the late Middle Ages*, ou, final da Idade Média. Nesta Nova Era, o rei Edward III e seu filho mais velho (conhecido como Black Prince) eram admirados pelos ingleses devido sua decência e forma de agir no campo de batalha, tornando-se símbolos do *code of chivalry*, ou código de cavalheirismo. Este código apresentava ou definia como um verdadeiro cavaleiro deveria se comportar (servir à Deus e ao Rei estavam entre as principais formas de conduta) (MCDOWALL, 1989, p. 45).

Na década de 1950, nos Estados Unidos na edição de 13 de maio de 1955, da revista estadunidense *Housekeeping Monthly*, foi publicado um artigo chamado *The Good Wife's Guide*, onde descrevia-se como uma boa esposa deveria agir e apresentava algumas regras de comportamento da “boa esposa”.

Entre as regras destacam-se:

11) Faça a noite dele. Nunca reclame se ele chega em casa tarde ou sai para jantar ou vai para lugares de entretenimento sem você. Invés disso, tente entender seu mundo de tensão e pressão e sua necessidade de estar em casa e relaxar;

17) Não faça perguntas a ele (o marido) sobre suas ações nem questione a integridade de seu julgamento. Lembre-se: ele é o mestre da casa e como tal, sempre faça sua vontade justamente e verdadeiramente. Você não tem direito de questioná-lo;

18) Uma boa esposa sempre sabe seu lugar.

Depois de séculos e décadas de formas de agir ditadas por outros, certos hábitos advindos dessas épocas perduram até hoje, como o costume do homem ser sempre o “cavaleiro” e agir como herói e até entenderem-se como os “chefes” da casa, tentando de certa maneira impedir as mulheres de adentrarem por exemplo ao mercado de trabalho, uma vez que precisavam, ou era sua obrigação cuidar do lar e dos filhos, entre outras ações sexistas que foram normatizadas ao logo do tempo.

Esses atos são definidos por Fernandes & Zaneli (2006 apud SCHEIN, 1989, p. 12), como cultura organizacional que seriam

[...] o conjunto de pressupostos básicos que um grupo inventou, descobriu ou desenvolveu ao aprender como lidar com os problemas de adaptação externa e integração interna, e que funcionaram bem o suficiente para serem transmitidos aos novos membros como a forma correta de perceber, pensar e sentir, em relação a esses problemas.

Em virtude do enraizamento de certos hábitos culturais, as pessoas que os questionam são vistas de forma estranha ao questionar esses valores estabelecidos como normas, tentar entender como funcionam, de onde surgiram, especialmente se são costumes antigos e fazem parte do conhecimento de mundo dos mais conservadores que não gostam de ver nenhum tipo de mudança.

Por mínimos que esses atos sejam, eles não permitem que um ser seja completamente livre, pois a partir do momento em que se vive apenas em condição de regras da sociedade ou do que o "outro" pensa, sua alteridade é perdida.

Gallo (2008, p. 4) baseado em Sartre afirma que "o outro detém um segredo: o segredo do que eu sou". Tal afirmação classifica-nos como dependentes do "outro" e essa dependência surge a partir da necessidade de conhecer-nos primeiramente por meio do olhar do "outro" para nós mesmos. Desta forma, estaríamos vinculados à visão que os "outros" têm de nós, nunca nos permitindo tornarmo-nos livres. Com base nisso, ao longo de nossas vidas praticamos ações com base no que a sociedade pensa de nós, desclassificando a alteridade presente em cada indivíduo.

Na sociedade contemporânea percebemos que cada vez mais surgem indivíduos que se classificam como "sem rótulos" ou simplesmente alegam que não se importam com a opinião de outros indivíduos ou mesmo da sociedade como um todo. Entretanto, ao afirmarem isso, de alguma forma, estão constantemente afirmando-se para outras pessoas, nunca livre dos "outros".

Com isso, a percepção particular de identidade começa a partir do "outro": dos pais de uma criança ainda não nascida, de uma sociedade ainda preconceituosa e misógina, mas principalmente, da escola.

Nesse sentido, temos como objetivo apresentar e analisar o conceito de alteridade, com a fim de observar como ela se dá nas identidades dos docentes das escolas rurais de Sergipe e as consequências nos alunos devido sua utilização nas escolas.

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, a primeira etapa para a elaboração foi a leitura sobre o assunto a fim de compreender o conceito de alteridade. Para isso utilizamos Bezerra (2011; 2017), Gallo (2008), Furtado (2011) e Orso (2016), que delinham e caracterizam o tema transportando para a sala de aula.

Os autores utilizados classificam a alteridade como forma de reconhecer as diferenças, promovendo os direitos e igualdade, respeito às diferenças e ver o mundo com os olhos do "outro". Ou seja, não há alteridade sem o "outro" e sem o "outro" eu não sou nada.

Para a consecução do objetivo proposto neste artigo foram utilizadas nove entrevistas com nove professores, de três escolas atuantes na Educação Básica de Propriá/SE (Escola Municipal Presidente Costa e Silva, do Povoado Boa Esperança; Esco-

la Municipal Padre Agnaldo Guimarães, no Povoado Santa Cruz e Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves, no Povoado São Vicente), que lecionam em classes multisseriadas do Ensino Fundamental nos anos iniciais (pré-escolar ao 5º ano). As entrevistas fazem parte do Banco de Dados do Projeto OBEDUC/PPED/UNIT/CAPES, realizadas no ano de 2016³.

2 O “OUTRO”

Devido ao egocentrismo exacerbado promovido pelo mundo pós-moderno, as relações humanas encontram-se em decadência e a atual tendência dos indivíduos é a de ignorar a existência do “outro”, menosprezando seu ser, sua identidade e o que ele representa, passando a identificá-lo apenas por suas funções sociais e seu trabalho (FURTADO, 2012)

Nessa mesma tendência encontram-se as pessoas que, por receio ou forma de proteção, tentam preservar ao máximo suas culturas, evitando contato com outras a fim de evitar a miscigenação, criando uma barreira de relutância, que consiste em certo preconceito ou xenofobia com o que é desconhecido. Então, o indivíduo ao invés de procurar saber mais sobre o diferente, fecha-se para ele e o ignora, tornando-se alienado.

A propagação de ideias por pessoas que são contrárias a uma cultura diferente ou forma de agir, prejudicando a forma com que ela é vista ao seu redor, está relacionada à alienação. O indivíduo que vive em estado de alienação acredita nas mais diferentes distorções da realidade que lhes são apresentadas, por conta da sua falta de criticidade para discernir o que é correspondente ou não a outros grupos de pessoas. Aliena-se o homem que ignora o mundo ao seu redor e age com preconceito com o “outro” e entra em conflito com o que é estranho e diferente.

No sentido da alienação, Bezerra (2017) nos transmite as ideias de Marx (1996) acerca do significado do termo. O sentido da alienação se dá quando o trabalhador se torna um produto e um meio para que os capitalistas se tornem detentores de ainda mais capital. Dessa forma, devido a falta de discernimento, a mão de obra trabalhadora passa a identificar-se e reconhecer o “outro” apenas por seu meio de trabalho, mesmo que completamente insatisfeito com suas atividades trabalhistas. “O sujeito aliena-se, comprometendo radicalmente sua relação com a alteridade, uma vez que sua identidade está subsumida ao capital” (BEZERRA, 2017, p. 45).

Nesse sentido, entende-se que é por meio da educação que o homem entra em contato com diversas identidades, passando a enxergá-las como as pessoas que realmente são, vendo as características que as compõem, não apenas seu trabalho. Dessa forma, um reconhece-se no “outro”, aceitando-o. E é reconhecen-

³ Essas entrevistas fazem parte da Dissertação de Mestrado apresentada por Kátia Maria Limeira Santos denominada “Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso em escolas localizadas em áreas rurais”. Santos (2017) realizou observação direta dos professores, que responderam o questionário e tiveram suas respostas complementadas por entrevistas realizadas posteriormente.

do o “outro” que eu passo a reconhecer-me da minha maneira, por meio do olhar desenvolvido dele para mim.

Contudo, essas identidades podem entrar em conflito a qualquer momento. “A educação é uma incidência de singularidades, além de ser uma ação coletiva. Para educar carecemos, de ao menos, duas singularidades em contato”, segundo Orso (2016, p. 186). Duas singularidades, duas pessoas, milhares de características embaralhados em dois seres comunicativos, todas as diferenças a postos.

Contudo, essas diferenças podem gerar conflitos e com o objetivo de evitar a hostilidade no ambiente escolar, o professor acaba por ser tornar mediador por meio da alteridade presente em sua identidade, integrando os alunos. Segundo Furtado (2012, p. 1), “A alteridade é como se fosse nossa garantia de sermos antiradicais”. Alteridade é utilizada nas interações sociais, impedindo a selvageria, “estabelecendo relações pacíficas e construtiva com os diferentes, na medida em que se identifique, entenda e aprenda a aprender com o contrário” (FURTADO, 2012, p. 1). A partir disso, as relações humanas evoluem e um aprende com o outro, permitindo a troca de experiências e saberes, enxergando uma nova forma de ver o mundo.

Para Bezerra (2017, p. 42) a alteridade é “ser o outro, colocar-se ou construir-se como o outro”. A partir do momento que se entende o outro em sua diferença e a diversidade de características das pessoas no mundo, a alteridade passa a ser desenvolvida.

Assim, a ética da alteridade é, na prática, o respeito pelo diferente, considerando que o rosto do outro nos convoca, nos interpela e nos convida, revelando no rosto do outro o seu infinito. O outro é decisivo para minha identidade; é no seu rosto que encontro a minha própria identificação. (BEZERRA, 2017, p. 174).

A alteridade é mais que colocar-se no lugar do outro, significa reconhecer o “outro” em si próprio, “quebrando” o egocentrismo cada vez mais promovido no mundo moderno. Na escola, a alteridade nos ajuda a identificar que somos pluralizados culturalmente, reconhecendo o próximo, aceitando suas diferenças. Sendo o professor mediador em sala de aula, é sua função integrar os estudantes por meio da alteridade, incentivando a interação entre os mais diversos grupos identitários. “Educar hoje não é mais doutrinar e excluir o diferente [...], de modo a buscar a superação dos preconceitos em favor da solidariedade e do profundo respeito ao diferente, ao outro” (BEZERRA, 2017, p. 174)

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário presente no Banco de Dados do OBEDUC/UNIT/CNPq conta com 14 perguntas voltadas a identidade docente, afetividade na relação entre aluno e professor, além do motivo da escolha da profissão docente, formação continuada e qual a opinião desses professores sobre dar aula nas áreas rurais. Para execução dessa

pesquisa, selecionamos apenas duas perguntas que abrangem a questão da alteridade neste estudo: "O que você entende sobre a relação afetiva entre o "eu-outro" nos processos de ensino e aprendizagem? Qual a importância dessa relação nos processos de ensino e aprendizagem?" e "Como você vê a diferença na aprendizagem dos alunos e qual o papel do professor?"

Mediante as falas dos professores, foi possível observar a presença da alteridade nas identidades docentes. Por meio da alteridade, a metodologia de ensino torna-se mais acolhedora para com os alunos, partindo do princípio da inclusão e do respeito ao próximo, criando um ambiente acolhedor e de oportunidades para todos. Com a mediação do professor por meio da alteridade, o educando passa a reconhecer-se no outro, criando uma atitude de tolerância em sala de aula, desenvolvendo convivência entre os mais diferentes grupos sociais, como podemos observar na fala de Molar (2011 p. 9):

A educação pensada com base na perspectiva da alteridade passa a ser concebida como o processo construído pela relação particular e intensa entre diferentes sujeitos, os quais possuem opções e projetos também diferenciados. Inserido ao processo interativo ocorre não apenas a aprendizagem de conceitos, informações, mas, sobretudo, a compreensão dos contextos em que surgem os contatos; os relacionamentos de sujeitos plurais para a apreensão dos elementos que adquirem significado.

Por meio das entrevistas, concluímos que a alteridade se faz presente nas pequenas ações não excludentes da classe, como quando um professor é atento com o aluno e cria um ambiente acolhedor. A atenção do professor-mediador para os problemas estudantis tem impacto positivo na vida pessoal dos alunos. É possível notar por meio de fragmentos de entrevista com a Professora 1, que afirma:

Por exemplo, tive um aluno no ano passado que brigava muito em sala de aula, só queria brigar, não tinha concentração, chegou um dia que chegou com uma serra de pão para brigar com o colega. Comecei mostrar carinho, a ensinar a pedir desculpa, não queria nada, o ano todo não aprendeu nada. Foi quando entendi que ele não queria devido as brigas que ele via em casa. Daí percebi que a forma rígida que eu tratava não estava resolvendo, foi quando depois de estudar como lidar com ele mudando o meu comportamento terminou ajudando. Hoje percebo que o professor precisa identificar o problema do aluno, quando é que a gente tem que dizer o que está bom e o que já deu. Quando mudei o meu comportamento dando carinho a ele percebi que ele melhorou e avançou na aprendizagem, vi o que estava faltando era carinho, já que ele não tinha em casa, porque só via os pais brigando.

Um professor que cria laços de afetividade com o seu aluno tem a alteridade presente em sua identidade. Acompanhar o comportamento e desenvolvimento da turma, orientando cada aluno em sua individualidade e, ainda assim, conseguindo fazer com que as diferentes identidades em sala interajam sem conflitos, é uma habilidade desenvolvida juntamente com a alteridade. "O totalmente outro' que se manifesta como é, e é recebido e acolhido como tal, sem preconceitos ou discriminação" (FURTADO, 2012, p. 2)

A partir do momento que o educador demonstra respeito e parabeniza os alunos pela participação em sala de aula, a reciprocidade de sentimentos torna-se ainda maior, mantendo o equilíbrio das relações em sala de aula, como é possível notar na fala da Professora 2: "É fundamental, porque quando o professor dá afeto a seu aluno, o incentiva, ensina com paciência a criança tende a aprender cada vez mais. E isso é importante para que ele desenvolva sua aprendizagem".

Além de ser mediador, a função do professor em sala de aula é a de incentivar positivamente os alunos, como forma de desenvolver a alteridade nos neles e torná-los tolerantes para lidarem com as diferenças que virão a encarar a medida que avançam na vida. O incentivo que vem do educador pode vir a ser um estimulador para a mudança de vida dos alunos, tanto escolar, quando familiar. Essa questão é possível ser observada na fala da Professora 3:

Quando a gente trata eles com carinho e atenção eles fazem questão de mostrar que fez, eles se preocupam em mostrar que fez o deve, que aprenderam, se a mãe quis ajudar, eles falam tipo "tia, minha mãe não quis me ajudar". Eles não mentem, porque eles sabem que eu vou cobrar, elogiar "que lindo", "parabéns", essa questão da afetividade, do carinho, da atenção que eu dou a ele, é importante. E o professor é um orientador da aprendizagem.

Com isso, percebemos que a afetividade é uma consequência importante da alteridade e que muda a percepção comum de aula, tornando-a mais agradável e criando um clima de respeito mútuo entre aluno e professor, entre o "eu" e o "outro", sendo a sala de aula o ambiente em que maior parte dessas interações ocorrem.

Por meio da alteridade em sala de aula, ocorre o reconhecimento do "eu" no "outro", o reconhecimento do aluno no professor e entre os próprios alunos. Esse reconhecer-se ampliam as relações entre seres e, sendo a interação a chave das interações, como consequência, impedem a criação da barreira de relutância. Dessa forma, o "eu" não ignora ao "outro", portanto não me alieno em relação a ele, vendo além de suas atividades laborais.

O método de aplicação de conteúdo em sala de aula também tem relação com a alteridade, pois é por meio desta e da afetividade que o sentimento do professor para com o aluno (do "eu" para com o "outro") aumenta e com ele a necessidade de fazer-se entender entre os "outros", para que eles o reconheçam e apreciem todo seu esforço. *É possível observar na fala da Professora 3:*

Eu tenho uma interação boa com eles, são participativos e gostam muito de conversar, com isso busco formas de trabalhar como: desenhos, dinâmicas, brincadeiras, jogos, estourinhas e principalmente a leitura, porque eu percebo que é um jeito que eu consigo prender a atenção deles, eles gostam e aprendem rápido.

Nesse sentido a fala da Professora 3 é relacionada com a afirmação de Bezerra (2017, p. 46), onde ela diz que “a educação favorece a criatividade, criticidade, o repensar do pensar o pensamento e o instituído”. Dessa forma concluímos que a educação é sinônimo de libertação e da “desalienação” do sujeito, sendo a escola o local de encontros de personalidades e interação e o professor o mediador e apaziguador das diferenças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu tomo consciência de quem eu sou por conta do que o “outro” tem a dizer sobre mim. E quando isso acontece, eu percebo quem é o “outro” e o seu poder e influência sobre mim. Por esse motivo, muitas das vezes uma barreira de relutância é criada, impedindo a interação entre os seres. Conseqüentemente, a liberdade do “eu” torna-se ameaçada pelo que o “outro” tem a dizer, pois sua opinião acaba por se tornar demasiado importante e o “eu” acaba por viver condicionado ao “outro”.

Todavia, o reconhecimento da minha identidade está relacionado ao que o “outro” vê quando me reconhece como ser. Por conseguinte, para ser livre, preciso sempre do “outro”, tendo minha liberdade condicionada a ele, sem ser verdadeiramente livre de suas opiniões. “Um ‘eu’ só pode ser idêntico a si mesmo quando reconhecido, capturado por um ‘outro’” (GALLO, 2012, p. 4).

Somos a sociedade da diferença e desigualdade, porém lentamente estamos desconstruindo os fatores misóginos e preconceituosos que cultuam a criação dos jovens. Cada vez mais vemos garantias de direitos sendo estabelecidas para que as maiorias tenham oportunidades iguais perante os privilegiados.

Por isso, o professor precisa ter em mente que lidará com diferentes tipos de alunos numa mesma sala de aula: dos mais pobres aos mais ricos, dos que entram na turma sem perspectiva e outros com o futuro já traçado. O “eu” professor terá de lidar com o “outro” aluno e de fato a opinião do “outro” terá um importante peso no desenvolvimento das aulas. Dessa forma, o educador precisa estar capacitado para a criação de um ambiente harmonioso, criando condições de igualdade e oportunidades para todos.

Sendo a alteridade uma forma de enxergar o mundo sem preconceitos e ver o “outro” além de suas atividades laborais, a função de desenvolvimento da alteridade nos alunos recai sob o professor. Como consequência, ocorre a quebra da barreira de relutância que impede a interação entre as pessoas.

Entretanto, por conta de um mundo egocêntrico ao qual o compartilhamento de conhecimento está atrelado ao capitalismo, vemos muitas vezes temas de importância para a convivência em sala sendo deixados de lado, por conta da falta de

condições (deslocamento, econômica etc.), impedem que os professores aumentem a gama de conhecimento e busquem seu desenvolvimento intelectual. Por isso, além dos professores serem prejudicados, os alunos também são, pois os conteúdos que poderiam ser aprendidos são negociados e não executados, deixando de ir para a sala de aula e ser absorvido pelos alunos. A educação tornou-se um negócio de lucro.

À guisa do que foi apresentado anteriormente, concluímos que o tema alteridade ainda precisa ser amplamente discutido nas escolas para que mais educadores tenham acesso e conheçam ainda mais o tema de grande importância para a mudança do ensino, sendo esta uma vasta área para o desenvolvimento de pesquisas a fim de melhorar o âmbito estudantil e do conhecimento.

A alteridade existe e está presente nas escolas, precisando ser mais explorada a fim de mudar as metodologias de ensino e ampliar a utilização da afetividade em sala de aula, dessa forma, ampliando as oportunidades de inclusão social dos alunos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. Formação de profissionais que atuam em escolas de educação básica localizadas no semiárido brasileiro: uma contribuição aos estudos da alteridade nas políticas públicas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 165-190, jan./mar. 2011.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino *et al.* Estado Atual da (Re) Construção da Alteridade como Categoria Teórico-Prática e a Contribuição da Educação Superior. **Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica Del Derecho**. Unidad de Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho, Universidad de Chile, v. 4, n. 1, p. 37-73, 1º semestre de 2017.

CHANG, Angel. **This 1955 'Good House Wife's Guide' Explains How Wives Should Treat Their Husbands**. LittleThings. Disponível em: <https://www.littlethings.com/1950s-good-housewife-guide/6>. Acesso em: 2 jan. 2019.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T.M. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 55-72, mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552006000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jan. 2019.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, agosto de 2003. Disponível em: <http://>

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jan. 2019.

FURTADO, Júlio. **Docência e alteridade**. 2012. Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2016/03/coeb.pdf>. Acesso em: jan. 2019.

GALLO, S. **Eu, o outro e tantos outros**: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos, 2., 2008, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

MCDOWALL, David. **An Illustrated History of Britain**. Pearson Education Limited. 2006.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **A alteridade na educação**: noção em construção. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 3, n. 5, ago./dez. 2011.

ORSO, Keila Daiane Ferrari. **Formação de professores e alteridade**: em busca de uma aproximação. PDF. Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba, v. 7, n. 2, p. 185-190, jul./dez. 2016

SANTOS, Kátia Maria Limeira. **A alteridade na construção da identidade docente**: um estudo de caso em escolas localizadas em áreas rurais. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tiradentes, 2017.

Data do recebimento: 27 de março de 2019

Data da avaliação: 7 de abril de 2019

Data de aceite: 7 de abril de 2019

1 Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Tiradentes – UNIT; Foi bolsista PROBIC/UNIT (2017-2018) e PIBIC/CNPq (2018-2018) em projeto de Iniciação Científica pelo programa de Pós-Graduação em Educação – UNIT; Integrante do grupo de pesquisa História da Educação no Nordeste – GPHEM, liderado pelo coordenador da pós-graduação em educação da Universidade Tiradentes Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato.

E-mail: b.martinsgomess@gmail.com

2 Doutor em Educação com ênfase em História da Educação (2012) e mestre em Educação (2006) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Graduado em História (2003) pela Universidade Estadual de Maringá; Professor PPG PLII e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – UNIT/SE, na linha de Educação e Formação Docente. E-mail: cristianoferronato@gmail.com

